

JOSÉ ALBANO

Antônio Sales

Mãos familiares e piedosas enfeixam neste volume tudo o que de mais sazonado e perfeito há na obra de José Albano, com exclusão das produções da meninice e da primeira fase da adolescência quando o magno poeta ainda não estava na posse de todos os recursos da língua e da métrica.

Aqui o encontrareis na plenitude de sua inspiração, em toda a elevação do seu pensamento, em toda a pureza de sua impecável expressão.

Descendente de uma família de agricultores e comerciantes, que já havia produzido Juvenal Galeno, José Albano ingressou pela cultura na aristocracia intelectual, e a amplidão do meio europeu, onde foi educado, distendeu-lhe o pensamento.

Sua aguda mentalidade dotara-o com uma insaciável curiosidade intelectual, que, primeiro, lhe conquistou o domínio das línguas, quer antigas, quer modernas, e com elas penetrou, no conhecimento das grandes obras do espírito humano, desde a "Ilíada", que êle recitava no original, até Shakespeare, que lhe inspirou alguns sonetos ingleses, dignos do modelo sublime.

Todas as literaturas lhe eram familiares, e sua maravilhosa memória lhe permitia discorrer sobre qualquer uma delas, citando não somente nomes e datas, mas trechos das obras célebres na língua original.

Sua complexa formação mental, em que se sentia, nos últimos tempos, uma crescente hiperstenia mórbida, percorreu

três fases: a primeira de lirismo passional, a segunda de erudição clássica e a terceira de êxtase místico.

Em qualquer desses domínios, a obra de José Albano é de uma excelssitude que o coloca entre as estrelas de primeira grandeza da poesia nacional. Não é somente igual aos maiores poetas, como ainda sobreleva a todos pela pureza suprema da língua, sobrepujando o próprio Gonçalves Dias, que foi antes dele, o poeta brasileiro que melhor conheceu e praticou o vernáculo.

Afora as qualidades intrinsecamente superiores de sua poesia, há ainda nela — e é isso o que faz o seu maior encanto — uma sonoridade especial, uma cadência e vibração, que pertencem ao numero das cousas inimitaveis, porque são a expressão original de uma profunda sensibilidade estética, que lhe vinha do íntimo, laivada com os tons melancólicos do inelutavel sofrimento humano.

Seus sonetos liricos, de um sabor voluntariamente antiquado tem uma doçura ao mesmo tempo inefavel e dolorosa, como todas as coisas inspiradas pelo Amor, cujo reino confina com o da Morte.

Oriundo de uma familia profundamente religiosa e educado em estabelecimentos católicos, êle se deixou impregnar por um intenso misticismo que se entremostra em muitas das suas composições e se expande exuberantemente nessa “Comédia Angélica”, que é um dos pontos culminantes de sua obra.

Ao lado da devoção mística veio-lhe outra, a do cultivo do vernáculo, que o fez entronizar Camões como objeto supremo de sua adoração. E a “Canção” que lhe consagrou é uma obra prima de linguagem portuguesa, com uma esquisita leveza de toque, uma delicada transparencia de tons, dando a impressão de um desses antigos primores de ceramica, que não se sabe como puderam ser imaginados e realizados para o encanto dos nossos olhos e glória da inteligencia humana.

A “Canção”, enfim, é uma obra de perfeição e o mesmo digo da “Ode á lingua portuesa”, que é produção sem par em toda a poesia nacional.

A linguagem antiquada, o descuido aparente dos hiatos, a despreocupação da rima rara, a ausência de versos ensambados, o feitio clássico das estrofes, tudo dá a esses poemas o encanto indefinível das reliquias preciosas.

Depois vem a “Alegoria”, que é o poema do descobrimento do Brasil.

A Pátria da perpétua primavera.

É em “raccourei”, uma imitação dos “Lusíadas”.

Descrevendo a viagem de Pedro Alvares Cabral, o nosso poeta põe em cena as divindades mitológicas e conduz as náus de Cabral às nossas plagas com o mesmo engenho maravilhoso com que Camões leva Vasco da Gama às Índias.

Mas si Camões nos aparece em José Albano redivivo, por efeito de uma metempsicose literaria, é um Camões artista, um Camões moderno, a despeito das aparências clássicas com que se disfarça o poeta cearense.

Na “Comédia Angélica” o misticismo familiar, desenvolvido pela educação em meios religiosos, encontra vasto campo para se exercer como uma tendência natural de seu espirito: é como um quadro de natureza sacra executado por um grande pintor que fosse também um grande crente.

Mas de sua complexa individualidade poética, a mais alta e a mais bela, a nosso ver, é como poeta lirico. Nesta qualidade seu subjetivismo entra em cena, e o poeta se nos mostra na plenitude de sua verdadeira entidade sensorial. É assim que nos aparece em seus versos de amor ou no lirismo impessoal de suas sondagens introspectivas e de suas imagens sentimentais.

Como troveiro José Albano está entre os primeiros e, por uma maviosidade particular de seu ritmo, acima de todos.

É bem conhecida esta jóia de perfeição e sentimento das “Redondilhas”:

Há no meu peito uma porta
A bater continuamente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.

Em toda a parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo.
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo.

Eis algumas de suas trovas:

Tudo já me persuade
Que a ti não me hei de opor:
Longe matas de saudade
E perto matas de amor.

Anda a violeta chorosa,
E a rosa alegre e faceta.
Só porque te chamei rosa
E não te chamei violeta

A pensar me às vezes ponho
E não posso compreender
Porque sempre acaba o sonho
Onde começa o prazer.

Há no coração sombrio
Um éco brando e sonoro,
Que adormece quando rio
E desperta quando choro.

Disto enfim já não duvido:
No mundo o maior cuidado
Vem do bem que foi perdido
Antes de ser alcançado.

Quer nas composições de fôlego, quer no instantâneo de uma simples quadrinha, mostra-se a mão do excelso vate como um instrumento criador de beleza. E a mão que cria beleza recebeu da natureza o dom divino que desce sobre raras criaturas como Pentecoste do talento.

As grandes personalidades literárias não cabem no quadro estreito das escolas nem podem se conter inteiramente nos limi-

tes da época em que vivem; elas têm que extravasar para o futuro, como Castro Alves, ou para o passado, como José Albano, isso porque se sentem escravizados na hora atual e ansiosos de se mover fora das contingências da vida quotidiana.

Assim, influenciado pela cultura clássica, o poeta cearense recuou para o passado e ali construiu sua obra de artista e pensador. É um artifício, dirão, e eu não o contesto. Mas a alquimia do talento sabe transformar o artifício em Arte.

E assim José Albano, vestindo a roupagem clássica, pôde fazer esta obra admirável, que o coloca entre os maiores poetas do Brasil.

Sinto-me honrado em servir de mordomo para introduzir o leitor no salão deste palácio da Arte, onde se encontram tantas e tão preciosas maravilhas, que hão de deleitar eternamente as gentes e serão uma glória fulgida e perene para o pensamento da Terra de Iracema.